

La Comédiathèque

O Aquário

Jean-Pierre Martinez

comediatheque.net

**Este texto é oferecido gratuitamente para leitura.
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,
deve obter a autorização do autor: <https://comediatheque.net>**

O Aquário

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Deixar as chaves do teu apartamento com um amigo durante o mês de agosto para que ele alimente os peixes dourados é algo normal. Mas quando esse amigo é um pouco excêntrico e cada um tem algo a esconder, a situação pode rapidamente transformar-se numa série de reviravoltas inesperadas. Especialmente se, nesse mesmo dia, as Canárias decidirem declarar a sua independência...

Personagens

Marco

Daniel

Lola

Vitória

ATO 1

A sala de estar de um apartamento burguês moderno em Lisboa. Sobre a lareira, um quadro de Picasso, uma variação do Almoço sobre a Relva de Manet. Sobre uma mesinha, um aquário com quatro peixes dourados. Nas estantes, plantas verdes à beira da morte. A rádio transmite música clássica, logo interrompida pela voz de um locutor.

Locutor – Interrompemos brevemente este programa musical para relembrar aos nossos ouvintes a notícia que, desde esta manhã, está a fazer tremer Portugal e o mundo. Para aqueles que passaram as últimas 24 horas numa ilha deserta e estão agora a ligar o rádio pela primeira vez, aqui está o conteúdo do telex que chegou ontem à noite à nossa redação: surpreendendo toda a comunidade internacional em plena trégua estival, Os Açores acabam de declarar a sua independência, afirmando também a intenção de abandonar o euro para voltar ao escudo. O exército português está em estado de alerta. E a Espanha estaria a mobilizar tropas nas suas fronteiras marítimas. Iremos, naturalmente, mantê-los informados hora a hora sobre a evolução desta crise, da qual é difícil prever se ficará na história como o tsunami que devastou Portugal... ou simplesmente como uma tempestade num aquário.

A música de fundo volta a tocar.

Marco, um trintão estilo golden boy (fato com camisa branca, sem gravata), entra no apartamento, seguido por Daniel, da mesma idade, com um estilo de profissional liberal de férias (polo Lacoste, jeans bem passados e mocassins).

Daniel (ao ouvir a música) – Há alguém na tua casa?

Marco – Não.

Daniel – Tinha medo de encontrar alguma das tuas amantes. Como a Vitória está fora durante um mês...

Marco – Nenhum risco. No que toca a adultério, tenho dois princípios: nunca com as amigas da minha mulher e nunca no domicílio conjugal.

Daniel – E funciona?

Marco – Até agora, bastante bem... De qualquer forma, ultimamente tenho-me portado bem. Não é o momento para correr riscos.

Marco desliga a rádio.

Marco – A Vitória deve tê-la deixado ligada antes de sairmos para Cascais há uma semana. Para os peixes dourados...

Daniel – Para os manter atualizados sobre a atualidade internacional?

Marco – Diz que, caso contrário, sentem-se sozinhos e deprimem-se. Eu, o que ouvi na rádio esta manhã, é o que me deprime.

Daniel – É assim tão grave?

Marco – Não vamos entrar na Terceira Guerra Mundial, isso é certo, mas para os negócios, não é nada bom.

Daniel – Foi por isso que voltaste das férias às pressas, sem a Vitória.

Marco – O PSI 20 perdeu 2.000 pontos numa única sessão, estás a perceber? Tentei limitar os danos, mas, por enquanto... Só resta aguentar o temporal, como se costuma dizer. Agora, é esperar pelo fecho de Wall Street.

Daniel – Ainda assim, é difícil de acreditar, não é? Os Açores declaram independência...

Marco – E o regresso ao escudo...

Daniel – Parece uma piada, não? Tens a certeza de que não é uma partida de 1º de abril?

Marco – Estamos em agosto, infelizmente. E este *crash* financeiro é bem real.

Daniel – Bem, por outro lado, também não é como se fosse o teu dinheiro.

Marco – É o dinheiro dos meus clientes... Eles têm o direito de me pedir contas. A relação entre um gestor de património e o seu cliente é como uma relação de casal. Um marido com a sua esposa.

Daniel (*irónico*) – Claro...

Marco – Bem, uma prostituta com o seu proxeneta, se preferires. Tudo se baseia na confiança... Por sinal, também gestiono o dinheiro da Vitória. Quando o pai dela morreu, ela recebeu uma boa quantia. Não podíamos deixar todo esse dinheiro numa caderneta de poupança.

Daniel – Claro...

Marco – Bem, vamos beber qualquer coisa. Vai-me fazer bem desligar um pouco. E obrigado por sacrificares a tua noite para me fazer companhia.

Daniel – Para isso é que servem os amigos, não é? E além disso, já sabes, Lisboa em agosto... É bastante calmo.

Marco – Então, porque é que não foste de férias como toda a gente?

Daniel – Estou de serviço na farmácia. Mais cedo ou mais tarde tinha de calhar... Mas não me importo. Férias sozinho... Sem mulher, sem filhos...

Marco (*a gozar*) – Sem amante? Ainda assim, sendo um tipo atraente como tu, disponível e com acesso a qualquer emagrecedor ou antidepressivo sem receita... Deves ser muito requisitado pelas senhoras na farmácia, não? A menos que te peçam mais um veneno discreto para se livrarem dos maridos.

Daniel (*incomodado*) – Não tinhas falado de um aperitivo?

Marco – O que queres beber?

Daniel – Uma cerveja. Bem fresca. Está um calor insuportável.

Enquanto Marco pega nos copos e nas garrafas, Daniel para em frente a uma jardineira.

Daniel – As tuas plantas também parecem estar com sede...

Marco – Deixei as chaves com o Alex para ele vir regá-las e alimentar os peixes, mas já sabes como ele é...

Daniel (*divertido*) – Alex...

Marco – Viste-o ultimamente?

Daniel – Há três meses, desde que me pediu 1.000 euros emprestados. Segundo ele, para quinze dias...

Marco – O bom dos pobres é que nunca vão de férias. Às vezes, isso pode ser útil. (*Olhando para as plantas meio secas*) Mas o Alex... Realmente não se pode contar com ele.

Daniel – Aposto que foi de férias com o meu dinheiro em vez de pagar o aluguer em atraso.

Marco – Achas mesmo que alguém consegue ir de férias com 1.000 euros?

Marco enche os copos. Daniel posiciona-se em frente ao quadro sobre a lareira.

Daniel – Pelo menos o teu Picasso ainda está aí... Eu, se fosse a ti, não sei se lhe teria deixado as chaves. O que ele anda a fazer agora?

Marco – Continua a ser ator. No desemprego...

Daniel – Isso é quase um pleonasma.

Marco – Ele é boa pessoa, não tem sorte, só isso. Lembras-te de há três anos, quando foi passar o dia a Sesimbra e lhe roubaram o carro na praia?

Daniel – Se é que aquilo podia ser chamado de carro... Mal tinha peças originais.

Marco – Se a polícia o tivesse encontrado, não teriam conseguido determinar de que marca era exatamente.

Daniel – Tinha ido nadar e deixado toda a roupa dentro.

Marco – E todos os documentos!

Daniel – Quando o fomos buscar às duas da madrugada, estava de cuecas na praia, completamente gelado.

Marco – Era pleno mês de janeiro.

Daniel – Pensei que íamos ter de chamar os serviços de emergência para o reanimar.

Marco – Em vez disso, fiz-lhe engolir meia garrafa de whisky para o aquecer um pouco. Que gargalhadas apanhámos!

Daniel – Tu é que o dizes! Vomitou por todo o meu Mercedes, um verdadeiro inferno. Demorou meses a sair aquele cheiro. Às vezes pergunto-me se não foi por isso que a minha mulher me deixou...

Marco – O bom do Alex... Admitemos, no fim das contas faz-nos rir bastante, não? De vez em quando, os 1000 euros até valem a pena.

Daniel – Sem dúvida, ele tem um grande potencial cómico. Mas só fora do palco. Quando sobe para representar, aí não tem graça nenhuma.

Marco – Lembras-te da última peça dele?

Daniel – Não muito. Adormeci no final do primeiro ato...

Marco – Nem sequer podíamos sair de fininho. Éramos os únicos dois espectadores na sala.

Daniel – Meu Deus... Espero que não me tenha pedido aqueles mil euros para montar outra peça de teatro...

Marco (*horrorizado*) – Não...

Daniel – Proponho que nós os dois lhe demos dois mil euros de uma vez para ele desistir de representar.

Marco – Se tivéssemos a certeza de que ele o faria, claro... (*Bebem um gole dos seus copos.*) E daquela vez em que o convenceste a experimentar aquele medicamento experimental para um laboratório farmacêutico...?

Daniel – Supostamente era para tratar a lepra...

Marco – E ele passou a dica a uma amiga da escola de teatro, que estava sem dinheiro...

Daniel – Dessa vez teve sorte. Calhou-lhe o placebo. Mas a ela, no dia seguinte, já não tinha nem um fio de cabelo e estava cheia de borbulhas...

Marco – Esqueceste-te de mencionar os efeitos secundários...

Daniel – A rapariga foi fazer um escândalo na farmácia... Pelos vistos, na semana seguinte tinha um casting muito importante para um papel principal num filme.

Marco – Talvez lhe tenhas feito perder o papel da vida dela!

Daniel – Bom, ao menos pagaram-lhe 300 euros.

Marco – Como é que ela se chamava?

Daniel – Não me lembro... Chamávamos-lhe Constelação...

Marco – Isso foi há seis meses, não? Coitada, nunca mais a vimos desde então.

Daniel – Deve ter medo de sair de casa... (*Vira-se para o aquário.*) Olha, os teus peixes dourados também não têm bom aspeto. Parece que o Alex nem sequer lhes deu de comer. Estão com ar de esfomeados.

Marco – Como é que sabes?

Daniel – Parece que o quarto está a tentar comer os outros três...

Marco aproxima-se e olha para o aquário, surpreendido.

Marco – Que estranho... Diria que só havia três peixes quando fomos embora...

Daniel – Duvido que tenha entrado à força. Pelo menos veríamos uma racha no aquário...

Marco – Ah, sim, lembro-me... Dois machos e uma fêmea.

Daniel – Nem sabia que os peixes dourados têm sexo. Como é que sabes que eram dois machos e uma fêmea?

Marco – Foi o vendedor que disse à Vitória. Acreditámos sem questionar. Embora sempre me tenha perguntado por que razão a Vitória escolheu dois machos para uma fêmea. Não sei se os peixes dourados são dados a orgias...

Daniel – Talvez tenham tido crias...

Marco – E o filhote está a tentar comer os pais para ficar com a mãe...

Daniel – Muito freudiano.

Marco – Achas que o complexo de Édipo também se aplica aos peixes dourados?

Daniel – Isso implicaria que os peixes dourados têm um inconsciente... E, portanto, uma consciência...

Marco – Duvido. Dizem que não têm memória.

Daniel – Não têm memória?

Marco – Não mais do que três segundos, pelo que dizem... Menos do que um micro-ondas, pelo menos...

Daniel – Três segundos, imagina...

Marco – Nunca te aborreces...

Daniel – E nunca tens remorsos...

Ficam a olhar fascinados para o aquário durante um instante.

Marco – Ou talvez seja o corno a tentar vingar-se dos amantes adúlteros e a apagar as provas do crime...

Daniel lança-lhe um olhar ligeiramente desconfortável.

Daniel – Isso já seria puro teatro de revista...

Marco – Nunca suspeitamos de todas as tragédias que podem acontecer num simples aquário de peixes dourados. (*Marco brinda com Daniel.*) Vamos, aos teus amores... Então, não queres mesmo contar-me?

Daniel – Contar o quê?

Marco – Quem é?

Daniel – Quem é quem?

Marco – Não me digas que, desde o teu divórcio, não tiveste nada de nada...

Daniel – Não disse isso.

Marco – Então, conta-me, homem. Não foste sempre tão discreto sobre as tuas conquistas sexuais! Até quando eras casado, contavas-me todos os pormenores das tuas aventuras extraconjugais. Quando é que nos a apresentas?

Daniel – *Nos?*

Marco – À Vitória e a mim!

Daniel – É que... é um pouco delicado.

Marco – Ah, já entendi... Está casada! Mas já me conheces, sou uma tumba. É amiga da Vitória?

Daniel – Não a conheces. É... É uma cliente da farmácia.

Marco – Pelo menos, vendo as receitas, já sabes se não tem doenças sexualmente transmissíveis e se toma a pílula. É bonita? (*Mudando de assunto.*) Maior de idade?

Daniel – Juro que não quero falar disso agora.

Marco – Então é sério... As únicas mulheres de quem nunca falámos em termos sexuais são aquelas com quem acabámos por nos casar...

Daniel, visivelmente desconfortável, levanta o copo para brindar de novo.

Daniel – Vamos, aos teus negócios... A bolsa sobe e desce, não é? Não é porque agora está em baixo que... No fim, recupera sempre.

Marco aproveita a deixa, com uma ideia em mente.

Marco – Sem dúvida... Diria até que esta crise, sabes? É uma oportunidade extraordinária para investidores inteligentes que queiram entrar na bolsa em condições exceccionalmente vantajosas.

Daniel – É o discurso que fazes aos clientes que acabaste de arruinar...?

Marco – É quando o mercado está em baixo que se deve investir! Os fundamentos são bons. Só pode subir, tens razão.

Daniel (*desconfiado*) – Mmm...

Marco – Sinceramente, se tens dinheiro para investir, digamos a médio prazo, este é o momento de avançar. Amanhã talvez seja demasiado tarde. Posso tratar disso, se quiseres...

Daniel não parece convencido.

Daniel – Foste tu que disseste: entre um gestor de património e o seu cliente, tudo é uma questão de confiança... Mas conheço-te demasiado bem... Quer dizer... Entre amigos de toda a vida como nós, misturar dinheiro... seria desconfortável, não achas?

Marco – Podes duplicar o teu investimento em poucos meses, sabias?

Daniel – Então, porque não fazes isso tu? Por exemplo, com o dinheiro da tua mulher. Tu mesmo disseste que é quando o mercado está no ponto mais baixo que se deve investir. Agora ou nunca. Estamos em pleno *crash!*

Marco – Infelizmente, já tenho tudo investido.

Daniel – Quando o mercado estava no ponto mais alto...

Marco (*suspirando*) – Se todos os consultores financeiros seguissem os conselhos que dão aos clientes, seriam todos milionários... Em vez de remarem como escravos no banco por um salário miserável...

Daniel – As coisas estão assim tão mal?

Marco – Digamos que... assumi riscos. Calculados, mas riscos na mesma. Apostei forte em algumas *startups* promissoras, com projetos audaciosos que ainda não descolaram.

Daniel – Como o quê?

Marco – Há uma que está a desenvolver um tratamento revolucionário contra a calvície. Precisamente, aquilo da experiência experimental com aquela pobre rapariga deu-me a ideia há seis meses...

Daniel – Um champô contra a queda de cabelo?

Marco – Uma cápsula que faz o cabelo voltar a crescer!

Daniel (*consternado*) – Estás a brincar?

Marco – Sabes quantos carecas há no mundo? É um mercado enorme! (*Voltando à realidade.*) Claro, em tempos de crise, este tipo de investimentos audaciosos não funcionam exatamente como valores de refúgio...

Daniel – E quantas ações compraste?

Marco – Praticamente comprei a empresa inteira. Por quase nada.

Daniel – E hoje quanto vale?

Marco – Digamos... nada. Mas estou certo de que, depois da crise, vai recuperar com força. Estão mesmo a ponto de conseguir. Já testaram o produto em aborígenes australianos e agora passaram para testes com animais.

Daniel – Aborígenes?

Marco – A sede da empresa fica em Sydney. Já conseguiram fazer crescer pelos num rato!

Daniel – Num rato careca?

Marco – Se quiseres, vendo-te metade das ações. (*Daniel lança-lhe um olhar consternado.*) Está bem, não insisto... Mas talvez tenhas acabado de perder a oportunidade do século.

Daniel – Que pena... Mas eu prefiro investimentos seguros, tipo pai de família, sabes? O único problema é que ainda não consegui formar uma família.

Marco – Ah... Bem, já sabes, também no amor, a sorte sorri aos audaciosos.

Daniel – Não, na verdade, prefiro vender antidepressivos a todos aqueles a quem a sorte nunca sorrirá. É menos rápido e glamoroso como forma de enriquecer, mas mais seguro, acredita em mim... *(Nesse momento, Marco toma um comprimido com o aperitivo.)* Olha, devias acalmar-te com os antidepressivos. Não é muito recomendável misturá-los com álcool...

Marco – Quando estás no fundo da piscina, só podes subir, certo?

Daniel, um pouco desconfortável, tenta tranquilizar o amigo.

Daniel *(apontando para o quadro)* – Na pior das hipóteses, sempre podes vender o teu Picasso. É verdade que não é muito decorativo numa sala de jantar, mas hoje deve valer uma fortuna, não?

Marco não parece tranquilizado.

Marco – Também é da Vitória. E ela tem muito carinho por ele. Era dos pais dela. Na altura, compraram-no por uma ninharia... Eu devia ter investido em arte, na verdade...

Daniel – Também há quadros maus que nunca valorizam.

O telemóvel de Daniel toca. Ele olha para o ecrã e, ao ver quem está a ligar, hesita visivelmente em atender.

Marco – Não vais atender? *(Daniel parece desconfortável.)* Ah, já percebi... É ela! Bem, vou buscar gelo. Esta cerveja está um pouco quente, não achas?

Marco desaparece com ar cúmplice. Daniel resigna-se a atender.

Daniel – Sim, Vitória... Olha, agora não é um bom momento. Estou precisamente com ele... Com o Marco, o teu marido! Sim, bom, ele ligou-me, e não consegui recusar... Em pleno agosto, não é fácil fingir que estás ocupado... E recordo-te que ele era o meu melhor amigo... antes de tu te deitares comigo... Esta noite? Já estás na autoestrada? Sim, sim, claro que fico contente, mas pensava que ias ficar com a tua mãe em Marbella... *(Com ternura.)* Sim, eu também... *(Envergonhado.)* Vitória... Recebi os resultados da tua análise de sangue... É positivo... Bom, significa que realmente estás grávida... De quem? Olha, é só uma análise de sangue, não um teste de paternidade... Sim, já sei que tomas a pílula, sou eu que ta dou... Este deve ter passado pelas falhas do filtro...

Marco regressa com o gelo.

Marco *(divertido)* – Se quiseres, podes ir ao quarto, estarás mais à vontade... Sabes o caminho?

Daniel – Sim, claro... *(Corrigindo-se.)* Quer dizer, acho que consigo encontrar.

Marco esboça um sorriso indulgente e liga a rádio.

Locutor – Enquanto vários navios de guerra da marinha portuguesa se dirigem para Os Açores para impor um bloqueio em torno do arquipélago, dois grupos rivais enfrentam-se no local para decidir qual será a capital do novo estado independente: Praia da Vitória ou Angra do Heroísmo...

Marco suspira com ar preocupado enquanto enche dois copos com o gelo que acabou de trazer.

Locutor – Recordamos, finalmente, que a bolsa de Nova Iorque acaba de abrir com uma forte queda, uma vez que a perspetiva de um colapso da Europa e do desaparecimento do euro parece inquietar profundamente os investidores...

Marco prefere desligar a rádio. Visivelmente preocupado, rega as plantas.

Marco – É verdade que tinham sede... (*Aproxima-se do aquário dos peixes dourados.*) Ah, sim, há quatro... De onde é que veio este...? A verdade é que parece agressivo... E se lhes der um dos meus antidepressivos para os acalmar um pouco?

Marco alimenta os peixes. Daniel regressa com uma expressão que mistura espanto e ironia.

Daniel – E quem é aquela morena?

Marco – Não faço ideia... Juro que quando fui embora, ela não estava! Por acaso, como sabes que é fêmea?

Daniel – Homem, mesmo através do vidro e com vapor, nota-se um pouco, não?

Marco (*olhando para o aquário*) – Achas mesmo? Tens olho, porque eu não vejo nada de nada.

Daniel – Claro, ri-te de mim.

Marco – E isso que é um vidro de aumento...

Daniel (*confuso*) – De que é que estás a falar?

Marco – Do peixe, esse que está a ocupar o meu aquário.

Daniel – Eu falo da rapariga que vi através do vidro na cabine do duche da tua casa de banho.

Marco – A minha casa de banho...?

Daniel – Bem, escondeste-a bem...

Marco – Escondi o quê?

Daniel – Então foi por isso que voltaste para Lisboa sem a tua mulher em pleno agosto, com a desculpa deste *crash* bolsista. Podias ter arranjado uma desculpa melhor, sinceramente.

Marco – O quê...?

Daniel – Ora, ora, Marco! E eu que já estava quase com remorsos... Mas devias ter cuidado, sabes? E se a tua mulher voltasse de repente e encontrasse essa sereia nua na tua casa de banho?

Marco – Uma sereia nua?

Daniel – Sim, faz-te de inocente. E isso que tu sempre dizias: nunca no domicílio conjugal. Não me digas que, ainda por cima, é amiga da Vitória...

Marco faz uma cara de completo espanto.

Marco – Estás a gozar comigo?

Daniel – A sério que não sabes que há uma mulher nua na tua casa de banho? E, obviamente, não é a tua porque... (*Corrigindo-se.*) Porque a Vitória continua em Cascais, não é?

Marco – Mas, Daniel, por favor... Se eu quisesse aproveitar a ausência da Vitória para estar com a minha amante, achas que te teria convidado para um aperitivo?

Daniel – Bom, faz sentido... Mas então, quem é essa mulher?

Marco – Juro que não faço ideia... Tens mesmo a certeza de que é uma mulher? Podia ser o Alex a aproveitar para tomar o seu duche anual.

Daniel – Não, de todo. Não é nada a voz do Alex.

Marco – Falou contigo?

Daniel – Está a cantar!

Marco – E o que está a cantar?

Daniel – Achas mesmo que isso é o mais importante agora?

Marco – Tens razão...

Daniel – Vai lá ver.

Marco – Vou... (*Prepara-se para ir, mas para.*) Mas, pensa bem, há alguém em minha casa e eu não sei quem é. Pode ser perigosa...

Daniel (*irónico*) – Perigosa? Uma mulher nua debaixo do duche? Perigosa em que sentido?

Marco – Podia ser uma ladra.

Daniel – Claro, veio roubar o teu Picasso e aproveitou para tomar um duche...

Marco – Vou ver...

Marco sai. Daniel toma um gole na cerveja.

Daniel – E se aproveitasse para me ir embora antes de a Vitória chegar... (*Mas Marco já volta, com cara de surpresa.*) Então?

Marco – Tens razão...

Daniel – Mas conheces?

Marco – Continua no duche... Não me atrevi a interrompê-la.

Daniel (*a gozar*) – Olha, para um homem, chegar a casa enquanto a mulher está de férias com a mãe e encontrar uma desconhecida nua debaixo do duche... Talvez, se voltares daqui a cinco minutos, ela esteja na tua cama. Por uma vez, podias quebrar os teus princípios...

Mas Marco não acha a situação engraçada; tem outras preocupações.

Marco – Isto não será uma daquelas brincadeiras estúpidas tuas e do Alex, pois não?

Daniel – Uma brincadeira?

Marco – Tens a certeza de que os mil euros não eram para contratar uma rapariga e metê-la na minha cama para me pôr à prova?

Daniel – E como é que ele a teria metido aqui?

Marco – O Alex tinha as chaves. Mas nunca lhe ocorreria algo tão perverso sozinho. E, sobretudo, não teria com que financiar isso...

Daniel – Juro-te que...

Marco – Aviso-te que não acho graça nenhuma. Ainda bem que a Vitória está em Cascais, porque ela não tem precisamente muito sentido de humor para estas coisas. E para mim, com a confusão em que estou desde esta manhã, um divórcio é a última coisa de que preciso agora, percebes?

Daniel – Juro-te pela cabeça da Vitória que não tenho nada a ver com isto, Marco. Agora, o melhor que podes fazer é ir perguntar a essa rapariga o que está a fazer na tua casa.

Marco – A esta altura, já que está aqui, mais vale esperar que acabe o duche...

Os dois amigos refletem por um momento.

Daniel – Eu não tenho nada a ver com isto, mas o Alex...

Marco – Sabes de alguma coisa?

Daniel – Não, mas... É verdade que ele tinha as tuas chaves. Podia ter aproveitado a tua ausência para usar o apartamento como ninho de amor...

Marco – O Alex? Nunca o vimos com uma rapariga! Além da Constelação. Ele é tão sexual como um peixe dourado.

Daniel – Talvez tenha tido um despertar repentino. Olha, como os teus peixes dourados. Disseste-me que nunca tinham procriado. Deixas os três sozinhos durante uma semana e, quando voltas, há um quarto.

Marco – Pois... Mas eles estão os três num aquário pequeno. Não têm muitas opções. Onde é que o Alex teria encontrado uma mulher assim?

Daniel – Talvez fazendo-a acreditar que este magnífico apartamento era dele... Por falar nisso, como sabes que é uma mulher espetacular?

Marco – Não sei... Estou a imaginar... Isso explicaria por que o Alex não teve tempo de alimentar os peixes nem regar as plantas.

A rapariga aparece então, com roupa leve, na sala. Solta um grito ao vê-los.

Lola – Mas o que estão a fazer aqui?!

Marco – Ia lhe fazer exatamente a mesma pergunta. Mas também posso chamar a polícia para que lhe pergunte por mim...

Lola – Primeiro vou vestir-me, está bem...?

A rapariga desaparece. Marco e Daniel ficam perplexos.

Daniel – Tens razão, é espetacular.

ATO 2

Marco – Juro-te que não faço ideia de quem ela é.

Daniel – Uma amiga da tua mulher?

Marco – E o que estaria a fazer aqui?

Daniel – Talvez a Vitória lhe tenha emprestado o apartamento durante agosto, sabendo que vocês iam passar o verão em Cascais.

Marco – Para quê?

Daniel – Não sei, uma amiga que vive na província ou no estrangeiro e quis passar uns dias em Lisboa.

Marco – A Vitória nunca faria algo assim sem me avisar.

Daniel – Talvez se tenha esquecido.

Marco – Não, isso não é nada típico da Vitória. Nunca me escondeu nada! Ter-me-ia dito. Além disso, não acho que ela goste da ideia de alguém que mal conhece dormir na nossa cama. Acredita, tu não a conheces como eu.

Daniel – Mmm...

Marco (*tirando o telemóvel*) – De qualquer forma, vou ligar-lhe para esclarecer isto.

Lola regressa vestida, com um visual bastante sexy. Marco, surpreendido, guarda o telemóvel.

Lola (*com um acentuado sotaque dos Açores*) – Então, vão-me explicar agora o que estão a fazer aqui?

Daniel – Ela tinha sotaque açoriano antes?

Marco – Isso, mais a declaração de independência dos Açores... Começo a pensar que entrámos na quarta dimensão... (*Para Lola.*) Não me diga que é uma refugiada política ou algo do género...

Lola – Pois é, sou dos Açores. Vivo em Praia da Vitória. E então? Incomoda-o?

Marco – Nada disso... Mas neste momento está a viver na minha casa! E isso, sim, incomoda-me.

Lola – Na sua casa? Então o senhor deve ser o Alex. Mas, não devia estar na minha casa?

Marco – Eu na sua casa? Mas é você que está na minha casa!

Lola – Claro, esse era o combinado. Eu na sua casa em Lisboa e o senhor na minha em Praia da Vitória. É o princípio de uma troca de casas, não é?

Daniel – Fizeste uma troca de casas?

Marco – Claro que não! (*Para Lola.*) Quem fez uma troca de casas?

Lola – Você! Alex! Comigo!

Marco – Mas eu não me chamo Alex! Chamo-me Marco!

Lola – Então, o que está a fazer aqui?

Marco (*para Daniel*) – Isto é de loucos... O que faço? Chamo a polícia?

Daniel – Acho que começo a perceber... (*Para Lola.*) Então, fez uma troca de casas para as férias com um tal Alex, que lhe disse que era o proprietário deste apartamento?

Lola – Claro que sim! Estavam todas as fotos na página web. Era exatamente o que procurava. Mas não estava no acordo partilhar o apartamento com dois tipos que não conheço. Por quem me tomam?

Marco – Não entendo nada do que diz... Deve ser do sotaque...

Daniel – É muito simples. Deste as tuas chaves ao Alex para cuidar dos peixes durante agosto, sim ou não?

Marco – Pois dei.

Daniel – E ele aproveitou para pôr o teu apartamento num site de troca de casas para férias.

Marco – O meu apartamento?

Daniel – Fazendo-se passar pelo proprietário.

Marco – Uma troca de casas...

Daniel – É uma fórmula barata e simpática para férias, que está muito na moda agora. Desde que tenhas um apartamento decente para oferecer, claro, e não uma mansarda num prédio ocupado, como o Alex.

Marco – Então, onde está o Alex?

Daniel – De férias!

Lola – Em Praia da Vitória!

Marco – Mas isto é absurdo. Ninguém passa férias em Praia da Vitória.

Lola – Ah, é? E por que não, se posso saber? Praia da Vitória é linda. E em breve será a capital do nosso novo estado independente. Se Deus quiser...

Daniel – Eu bem te disse que nunca devias ter dado as tuas chaves ao Alex...

Marco – Muito bem... Vou ligar-lhe agora mesmo para esclarecer isto. E se for verdade, ele vai ver... (*Marco marca um número.*) O telemóvel dele não atende... De certeza que se esqueceu de pagar a fatura outra vez... (*Para Lola.*) Bem, vou ligar para a sua casa, já que diz que ele está lá. Qual é o número fixo?

Lola – O meu número fixo?

Daniel – Pois sim. Não sabe o número fixo da sua própria casa?

Lola – É que... Não o uso muito... E, além disso, nunca me ligo a mim mesma.

Marco – Prefere que chame a polícia?

Lola – Eh... 222, 333, 444...

Marco – 222, 333, 444?

Lola – Se não estou em erro...

Daniel – Ainda assim, é um número bem fácil de memorizar...

Marco termina de marcar, observado pelos outros dois. Lola parece um pouco inquieta.

Marco – O número indicado não está atribuído...

Lola – Com o que se passa lá agora... As comunicações com os Açores podem estar cortadas.

Marco – Bom, chega...

O tom irritado de Marco é interrompido pelo toque do seu telemóvel.

Marco (seco) – Sim...? (*Mais suave.*) Ah, sim, Vitória... Sim, sim, está tudo bem, é só que... Hoje foi um dia um pouco complicado... Sabes como é... Com tudo o que está a acontecer... E tu? Não estavas em Cascais, com a tua mãe? Em Lisboa? A que horas? Porquê? Não, mas eu podia tratar de tudo sozinho, sabes disso. Não quero estragar-te as férias. Além disso, a tua mãe deve estar desiludida... Sim, claro que fico contente, é só que... A que horas achas que chegas? Ah, sim? Já?! Não, garanto-te que não estou a esconder nada... Nada disso, é só que... Ok, até já... Eu também te amo... (*Guarda o telemóvel no bolso e suspira, preocupado.*) Era a Vitória... Parece que decidiu voltar para Lisboa.

Daniel – Não...

Marco – Vai chegar a qualquer momento...

Daniel – Mas porque estás nervoso? Devia ser eu... Quer dizer... Porque estás nervoso?

Marco – Conheço a Vitória... É mais ciumenta do que imaginas.

Daniel – Pois...

Marco – Se encontrar esta bomba aqui, pede o divórcio e a culpa será toda minha.

Lola – Essa "bomba"? O que é que isso quer dizer?

Daniel – Na boca dele, é mais um elogio, não se preocupe...

Marco – Meu Deus! Uma pensão de alimentos ia acabar comigo! Sem contar que o advogado dela ia meter o nariz em tudo para a divisão dos bens...

Lola – Porquê? Tem algo a esconder?

Marco – Não, mas... (*Para Lola.*) Ainda está aqui? Ainda não percebeu? O proprietário sou eu! E o tipo que lhe trocou este apartamento pelo seu é um mentiroso compulsivo!

Lola – E então?

Marco – Por isso, faça as malas e vá-se embora imediatamente, de preferência pelas escadas de serviço!

Lola – Ah, não, de maneira nenhuma!

Marco – Como assim, não?

Lola – Troquei o meu luxuoso duplex no centro de Praia da Vitória por este apartamento, que me serve perfeitamente. Fiz tudo dentro das regras. Vim a Lisboa por uma semana. Estou aqui e fico aqui.

Marco – Mas estou a dizer-lhe que este apartamento não é do Alex, é meu! (*Para Daniel.*) Diz-lhe tu!

Daniel não sabe o que dizer.

Lola – Ah, sim? Mas isso não é problema meu. Resolva isso com o seu amigo quando ele voltar das férias.

Daniel – Se é que volta...

Lola – E onde quer que vá a esta hora?

Marco – Não sei! Para sua casa!

Lola – Não acho que consiga encontrar um voo para Praia da Vitória a estas horas. Além disso, já ouviu o que está a acontecer nos Açores? Prefiro esperar que acalme antes de voltar...

Marco, exasperado, tira duas notas de cinquenta euros.

Marco – Pronto, aqui tem 100 euros, de acordo? Hospede-se no hotel Ibis, mesmo em frente, e amanhã apanha um avião para os Açores, ou para onde quiser, está bem?

Lola – O hotel Ibis? Em troca do meu luxuoso duplex com vista para o mar?

Marco – Faz alguma coisa, Daniel, por favor, ou vou estrangulá-la.

Daniel – O que queres que faça?

Marco – Por que não a levas para tua casa? És solteiro, não tens de prestar contas a ninguém!

Daniel – É que...

Lola – Não se inibam, hein? Eu devia ficar em casa de um tal Alex, agora estou em casa de um tal Marco, e agora querem que vá para casa de um tal Daniel? Por quem me tomam? Só porque tenho sotaque açoriano não significa que seja estúpida!

Marco está prestes a responder quando a campainha toca.

Marco – Merda! Ela já chegou!

Lola – O que se passa? Espera mais alguém como eu? Vocês são um grupo de perversos! Sou eu quem vai chamar a polícia!

Marco – É a minha mulher! A minha mulher, percebe?! (*Desesperado, vira-se para Daniel.*) Não posso metê-la no armário!

Daniel – Ah, sim, a amante no armário já está muito batida. Talvez o congelador...

Marco – Tanto faz, vou pensar em algo... (*Vai abrir a porta e continua fora de cena.*)
Sim, querida! Não havia muito trânsito na estrada? Espera, dá-me a tua mala, eu levo-a...

Vitória entra com Marco, carregando uma mala Vuitton.

Vitória (*fingindo surpresa*) – Daniel?

Daniel – Vim fazer companhia ao teu marido. Sozinho em Lisboa, em agosto... Não sabia que voltavas hoje. Mas vou já embora...

Vitória – Não quero que pareça que estou a expulsar-te... (*O seu sorriso desvanece-se ao ver Lola.*) Senhorita...

Lola – Boa tarde, senhora...

Vitória vira-se para Marco, esperando uma explicação.

Marco (*para Lola*) – Vitória, a minha mulher... (*Para Vitória*) Vitória, apresento-te...

Lola – Lola... Lola de Praia da Vitória.

Vitória (*friamente*) – Praia da Vitória... Muito prazer... E você é...?

Marco fica nervoso e decide improvisar.

Marco – É a nova namorada do Daniel. Sabes, aquela de que ele fazia tanto mistério. Pois aqui está. Finalmente apresentou-ma. E claro, sendo tão bonita, entendo que a quisesse manter escondida...

Vitória (*com frieza*) – Sim, também entendo...

Daniel, totalmente desconfortável, não se atreve a desmentir.

Daniel – Quer dizer que...

Vitória (*para Marco*) – Então foi por isso que pareceste tão estranho ao telefone quando te disse que vinha? Por um momento pensei que te ia encontrar na cama com uma amante...

Marco – Estávamos no aperitivo... Sirvo-te um copo?

Vitória (*apontando para a mala*) – Primeiro vou deixar isto no quarto...

Marco – Não, eu levo! Já sabes como sou quando me deixas sozinho aqui... Deixei tudo desarrumado! Deve haver roupa espalhada por todo o lado... Daniel, trata do serviço. Já és quase da família...

Marco sai com a mala. Silêncio tenso.

Vitória – Acho que vou precisar de algo forte... Um whisky, por favor... (*Para Lola*) Você não quer nada? Não lhe ofereço álcool... Parece tão jovem. É maior de idade, pelo menos?

Lola – Sim, sim, não se preocupe... Vou tomar... (*Para Daniel*) O de sempre...

Daniel serve dois whiskys.

Vitória – Então, conhecem-se há muito?

Daniel – Quer dizer que...

Vitória – Parece-me pelo ligeiro sotaque que não é Lisboaeta, certo?

Lola – Não, de facto, sou dos Açores. *(Para Daniel)* Não é, meu amor?

Daniel lança-lhe um olhar horrorizado.

Vitória – E veio passar uns dias em Lisboa?

Lola – Como a senhora não estava, o seu marido amavelmente ofereceu-nos o apartamento. É verdade que está muito bem localizado para visitar Lisboa. Mas, já que regressaram os dois... Arranjamos-nos... Podemos dormir no sofá, não é, querido?

Marco regressa a tempo.

Marco – Já está, pus tudo em ordem... A minha mulher é um pouco obcecada com arrumação, sabe? Se visse aquela roupa toda espalhada na cama, matava-me... Então, está tudo com bebida?

Vitória – Sim... Podemos brindar... *(Levantando o copo para Daniel e Lola.)* Pois... Ao vosso amor!

Daniel esboça um sorriso forçado. Brindam.

Marco – Vou buscar algo para acompanhar.

Daniel – Vou contigo... *(Dirigem-se para a cozinha.)* Mas o que te passou pela cabeça para apresentar esta rapariga como minha namorada?

Marco – Desculpa, foi o que me ocorreu no momento... Imagina se a Vitória entrasse no quarto e encontrasse as cuecas da Lola na cama!

Daniel – Podias ter-lhe dito a verdade!

Marco – A verdade? Que o Alex, a quem dei as chaves para cuidar dos peixes, aproveitou para fazer uma troca de casas com uma rapariga dos Açores para ir de férias para Praia da Vitória? Sinceramente, acreditarias numa história dessas? Não, sinceramente, na vida há momentos em que uma mentira simples é muito melhor do que uma verdade demasiado complicada.

Daniel – Ah, muito bem. E eu?

Marco – Tu, o quê?

Daniel – Mas eu nem sequer conheço esta rapariga!

Marco – Mas tu não tens nada a perder com esta mentira! És solteiro! Além disso, reconhece, a rapariga é muito bonita, não achas? Só aquele sotaque estranho... Mas, enfim, também não precisa de falar muito na cama...

Desaparecem na cozinha. Ficando a sós, as duas mulheres avaliam-se mutuamente.

Vitória – És mesmo amante do Daniel... ou do meu marido? Porque ele é um péssimo mentiroso.

Em vez de responder, Lola sorri misteriosamente, dá alguns passos e para em frente ao quadro.

Lola – *O almoço na relva...* Um quadro de Manet, reinterpretado por Picasso...

Vitória (*irónica*) – Vejo que também percebes de pintura...

Lola – Dois homens, acompanhados de duas mulheres quase nuas... Sabes como Manet chamava a este quadro em privado? (*Vitória não responde.*) *A partida a quatro.*

Vitória fica atónita. Marco e Daniel regressam. Marco deixa alguns aperitivos na mesa.

Marco – Então, já se conheceram?

Vitória – Estávamos a falar de pintura...

Marco – Perfeito... E se improvisássemos um jantar para quatro? Posso meter umas pizzas no forno enquanto terminamos o aperitivo.

Daniel e Vitória não parecem muito entusiasmados, mas Lola responde por eles.

Lola – Porque não? Pode ser divertido...

Vitória (*irónica*) – E depois, todos a dormir!

Marco – Já volto...

Marco afasta-se novamente.

Lola – Vou dar-te uma ajuda...

Lola segue-o. Daniel e Vitória ficam a sós.

Daniel – Não é nada do que estás a pensar, Vitória.

Vitória – Oh, não precisas de me dar explicações, sabes? És maior de idade. E solteiro...

Daniel – Vou explicar-te tudo, é muito simples... (*Hesita um instante.*) Bem... Não é assim tão simples, mas...

Vitória, considerando as desculpas de Daniel patéticas, ironiza.

Vitória – E ela sabe sobre nós?

Daniel – Claro que não. Porque é que lhe contaria?

Vitória – Tens razão. Não era algo digno de mencionar...

Daniel – Mas eu nem sequer a conheço! É a primeira vez na minha vida que a vejo!

Vitória – Então, o que está ela a fazer aqui? Vais dizer-me que é amante do Marco?

Daniel – Nem sequer...

Vitória – Isto é patético...

Lola regressa com utensílios para preparar a mesa.

Lola – Ajudas-me a preparar isto, querido?

Daniel, desorientado, recebe um olhar fulminante de Vitória.

Vitória – Vou ver o que o meu marido está a fazer na cozinha. *(Para Lola)* Já sabes como são os homens...

Ficando a sós com Lola, Daniel olha para ela com irritação.

Daniel – Não achas que estás a exagerar um pouco?

Lola – Foi o teu amigo Marco que me pediu para me fazer passar por tua namorada... Decide-te sobre o que queres!

Daniel – Sim, mas não é necessário exagerar tanto.

Lola – Incomoda-te tanto a ideia de a mulher do teu amigo me tomar por tua noiva?

Daniel – Não, mas... Não estás a entender.

Lola – Pelo contrário... Entendo perfeitamente...

Marco regressa com as pizzas e coloca-as na mesa. Vitória chega logo atrás com uma garrafa de vinho.

Marco – E aqui está tudo!

Daniel – Bom, acho que esta comédia já durou o suficiente...

Para o calar, Lola beija-o apaixonadamente, deixando-o sem palavras. Marco e Vitória observam, surpreendidos. Quando Lola o solta, Daniel parece completamente desorientado.

Lola – O que ias dizer, querido?

Daniel – Já não me lembro...

Marco – O amor é lindo!

Vitória – Sim, e provoca amnésia...

Marco – Já conhecem a frase: o amor é cego, mas o casamento devolve a visão. *(Apontando para as pizzas.)* Bom, vamos aproveitar!

ATO 3

O jantar começa num ambiente tenso.

Vitória – E então, a que te dedicas, Lola? Ou ainda és estudante?

Lola – Dou aulas de Belas Artes na Universidade dos Açores, em Angra do Heroísmo.

Daniel – A sério?

Vitória – Não sabias?

Daniel – Sim, claro... Mas pensei que era em Praia da Vitória.

Marco (*preocupado*) – Belas Artes, referes-te... à pintura clássica?

Vitória – Mais ao arte moderno.

Daniel – Nesse caso, de certeza que viu que os nossos amigos têm uma obra destacada de Picasso.

Vitória – Estás a tratá-la por "você"?

Daniel – A quem? Não, porquê?

Vitória – Disseste: "viu".

Daniel – Mas nada disso, não é, Marco?

Marco – Não reparei...

Daniel – Bom, de qualquer forma, querida, o que achas desta obra-prima?

Lola – É uma série de quadros que Picasso realizou, inspirando-se em *O Almoço sobre a Relva*, de Manet... Uma obra que, na sua época, foi escandalosa.

Daniel – Ah, sim? E porquê?

Lola – Porque, segundo dizem, evoca uma partida a quatro.

Daniel (*olhando para o quadro impressionado*) – Interessante... Essa dimensão tinha-me escapado. Agora vejo este quadro de outra perspectiva. Sabias disso, Vitória?

Vitória – Sim, bem...

Daniel – E quanto pode valer um quadro como este?

Lola levanta-se para examinar o quadro, mas Marco rapidamente desvia a atenção aproximando-se do aquário.

Marco – Ui! Não sei o que se passa ali dentro, mas não parece propriamente uma orgia... É uma verdadeira carnificina! O novato já comeu a cauda dos dois machos... E eu que lhes dei de comer há pouco...

Vitória – O novato? (*Vitória olha para o aquário e fica escandalizada*). Há um quarto peixe nesse aquário... e é carnívoro!

Marco – Isso é impossível! Como é que três peixes vegetarianos vão gerar um peixe carnívoro?

Vitória – Nesse caso, só pode ser um intruso!

Daniel – Um intruso? Num aquário? Como é que foi lá parar?

Vitória – Isso é o que eu gostaria de saber...

Lola parece incomodada.

Marco – Entretanto, temos que fazer algo já, antes que não restem mais do que as espinhas dos teus três peixes vermelhos veganos.

Vitória agarra uma rede junto ao aquário e tenta apanhar o peixe carnívoro.

Vitória – Vem cá, cabrão. Espera, não vais escapar!

Aproveitando, Lola afasta Marco.

Lola – Fui eu...

Vitória – Como?

Lola – Fui eu quem colocou esse quarto peixe no aquário.

Marco – Tu?

Lola – Pensei que três peixes não era um número redondo... Então comprei um quarto na loja de animais aqui em baixo. Mas não sabia que era carnívoro.

Marco – Decidiste mesmo arruinar a minha vida!

Lola – Queria fazer algo bonito.

Vitória finalmente apanha o peixe.

Vitória – Já o tenho...

Ela lança-o ao chão e esmaga-o com o pé de forma brutal. Os outros três olham para ela aterrorizados.

Vitória – Eliminei o intruso!

Momento embaraçoso.

Marco – Bem, podemos terminar o jantar então...? Um pouco mais de pizza...? (*Ninguém responde*). Bem, passemos à sobremesa...

Vitória (para Lola) – Então, já te pediu em casamento...?

Daniel – Quer dizer...

Vitória repara no anel chamativo de Lola.

Vitória – É um anel de noivado, não é? Muito bonito... Embora um pouco ostensivo. De qualquer forma, se ele to ofereceu, não gastou uma fortuna...

Lola – A sério?

Vitória – É falso, não é? Nota-se logo. Só a Rainha das Tolas usaria um diamante desse tamanho acreditando que é verdadeiro...

Lola – É falso, de facto... Tão falso como o quadro pendurado no centro da vossa sala.

Marco regressa com um bolo e fica paralisado.

Vitória – Está enganada, senhorita. Este quadro foi-me oferecido pela minha mãe, que conhecia pessoalmente o Picasso.

Lola – Uma das suas muitas amantes, talvez? O Picasso tinha fama de ser mulherego... Nesse caso, quem sabe? Talvez sejas uma das suas descendentes ilegítimas... Agora que penso nisso, dentro de uns anos poderias parecer-te com um quadro de Picasso.

Vitória – A minha mãe comprou este quadro numa galeria, quando ainda eram mais ou menos acessíveis.

Lola – Então foi o galerista que a enganou.

Vitória – Digo-te que é autêntico!

Lola – E eu asseguro-te que é falso.

Marco está claramente incomodado. Lola aproxima-se do quadro.

Lola – É uma cópia, vê-se a olho nu. Além disso, a tinta ainda está fresca...

Vitória fica boquiaberta.

Vitória (para Marco) – Não vais dizer nada?

Marco – Claro que é autêntico!

Lola – Recordo-vos que sou professora de Belas Artes.

Daniel – Como é que chegou aqui um Picasso falso?

Vitória – Talvez da mesma forma que esse peixe carnívoro... Não me disseste que tinhas deixado as chaves com o teu amigo Alex para alimentar os peixes?

Marco – Sim, mas...

Vitória – Sempre te disse para não confiares nesse fracassado. Ele podia ter roubado o meu Picasso e substituído por uma falsificação...

Daniel – O Alex nunca seria capaz de fazer algo assim!

Vitória – De certeza que também foi esse assassino, e não essa puta, quem meteu essa piranha no aquário...

Lola – Desculpem...?

Marco – Mas vá lá, isto é ridículo!

Vitória – A esta hora talvez já esteja a fugir para o estrangeiro com o nosso quadro...

Daniel – Talvez para os Açores...

Vitória – Porquê para os Açores?

Daniel – Por que não para os Açores? Agora que é um país independente...

Vitória – Temos de avisar a polícia! Emitir um mandado de captura internacional!

Daniel – Não pode ser ele. Não é muito inteligente, isso é certo, mas não é um vigarista... Não tem ambição suficiente para isso.

Vitória – Então por que não ela?

Daniel – A Lola?

Vitória – Tenho a certeza de que esta não é a primeira vez que ela vem aqui. Não sou idiota, ok? Estão a dormir com ela, os dois, não é? É uma prostituta e faz preço de grupo?

Lola – Mas, senhora...

Vitória (*para Daniel e Marco*) – O quê? Planeavam que a noite terminasse com um “almoço sobre a carpete”?

Lola – Por que é que eu diria que o quadro era falso se tivesse roubado o original?

Vitória – Muito bem, vou já ligar à polícia. Eles vão esclarecer tudo.

Vitória aproxima-se do telefone, mas Marco interpõe-se.

Marco – Não, não pode ter sido ela.

Vitória – Ah, sim? E porquê não?

Marco – Porque fui eu...

Vitória e os outros dois ficam estupefactos.

Marco – Precisava de dinheiro em espécie para cobrir as minhas perdas na bolsa. Dei o quadro como garantia... Mas juro-te que nunca te traí. (*Vacilando*) Pelo menos, não com esta rapariga...

Vitória – Já ouvi o suficiente. Vou voltar para Cascais com a minha mãe. O meu advogado vai contactar-te na segunda-feira.

Vitória prepara-se para sair.

Marco – Mas Vitória...

Vitória – Que me tenhas traído, já suspeitava um pouco. Mas que tenhas delapidado a minha herança! O Picasso da minha mãe! Vou fazer questão de te meter na cadeia, prometo-te!

Marco é interrompido pelo toque do telemóvel.

Marco (*vendo o número*) – É o Alex! (*Para Vitória*) Ele vai explicar-te tudo! Alex, onde diabo estás? Sabes o sarilho em que me meteste? Não? Juras-me? Não, acredito em ti... Está bem, ligo-te depois. (*Para Lola*) O Alex nunca fez uma troca clandestina de apartamentos. E, além disso, não foi para os Açores. Partiu uma perna ao cair do palco enquanto ensaiava *O Doente Imaginário* e está imobilizado em casa com uma perna engessada.

Daniel – Ena, não tem sorte...

Marco – Ele só passou as minhas chaves a uma das amigas da escola de teatro para alimentar os peixes no lugar dele.

Daniel e Vitória olham para Lola.

Lola (*sem sotaque*) – Certo, não sou dos Açores... (*Os outros três ficam atónitos*). Nem professora de Belas Artes.

Marco – Mas então, como é que sabias que o Picasso era falso?

Lola – Foi um palpite.

Marco – Um palpite?

Lola – Nota-se que é falso, não acham? Pensei que não era possível ter um Picasso autêntico em casa.

Daniel – Mas então... Porquê todo este teatro?

Lola – A sério que não me reconhecem?

Marco – Não!

Lola – Imaginem-me com borbulhas por toda a cara... e sem um único fio de cabelo.

Daniel – Constelação!

Lola – Quando o Alex me passou as chaves, no início só queria deixar as minhas coisas aqui por uns dias, já que o apartamento estava vazio.

Marco – As tuas coisas?

Lola – Quando o meu namorado me viu chegar de cabeça rapada há seis meses, pensou que eu tinha uma doença sexualmente transmissível e deixou-me. Desde então, estou sem teto...

Daniel – Lamento muito...

Lola – Quando reconheci o farmacêutico com aquela cara de cientista nazi, lembrei-me de me vingar.

Marco – Mas eu não fiz nada!

Lola – Claro... De certeza que te riste imenso quando me viste naquele estado com o teu amigo, não foi? Estava tão desfigurada que hoje nem me reconheceram.

Marco (*incrédulo*) – Constelação...

Lola – E isso sem contar o casting que me fizeram perder! Era para interpretar a Esmeralda em *O Corcunda de Notre-Dame*. Com a cara que tinha na altura, ofereceram-me o papel do Quasímodo!

Daniel – A sério, peço desculpa...

Lola – Quando vos vi há uma hora com aquelas caras de rapazes apanhados... sem falar dessa cobra, pensei que era a minha oportunidade de também me divertir um pouco.

Marco – Lembro-te que estás a falar da minha mulher...

Vitória – Não por muito tempo, fica claro...

Daniel – Bravo... És uma atriz fabulosa.

Marco – Melhor que o Alex, pelo menos...

Lola – Digamos que têm sido um bom público. Além disso, nos cursos de teatro estamos muito treinados em improvisação.

Daniel – E... Porquê uma dos Açores?

Lola – Isso ocorreu-me enquanto ouvia a rádio.

Vitória – Muito bem... Espero que te tenhas divertido. Eu, pelo menos, abri os olhos sobre muita coisa...

Lola (*para todos*) – Não vos pareceu divertido? Para mim foi como o cenário perfeito de uma comédia de enganos. Com a esposa, o amante e o corno...

Marco – Que corno?

Vitória – Não mudes de assunto, queres? (*Para Lola*) E suponho que também não és a noiva do Daniel, certo?

Lola – Porque te interessa tanto?

Vitória – A única coisa certa nisto tudo é que tu és um falhado... e um impostor.

Marco (*para Vitória*) – Não me vais deixar, pois não?

Daniel – E se pusermos um pouco de música para desanuviar o ambiente...?

Daniel liga o rádio, que transmite Ne me quitte pas, de Jacques Brel, ou outra canção à escolha do diretor da peça.

Os quatro escutam a música em silêncio, cada um mergulhado nos seus pensamentos, enquanto terminam de comer os restos da pizza. A canção é interrompida por um boletim informativo.

Locutor – Interrompemos este programa musical para informar sobre o desfecho da grave crise que abalou a Europa: Face à impossibilidade de escolher entre Praia da Vitória e Angra do Heroísmo como capital do novo estado, os Açores decidiram, finalmente, permanecer sob a proteção do Portugal e manter o euro como moeda. A marinha portuguesa retirou-se, e este conflito, que parecia quase uma brincadeira, terminou definitivamente.

Todos ficam atónitos.

O telemóvel de Marco toca. Ele olha para o ecrã e desliga o rádio.

Marco – É um alerta de mercado que configurei... (*Lê a mensagem e a sua expressão muda subitamente*). A pequena startup na qual investi o valor do Picasso acabou de conseguir fazer crescer pelos num pastor-alemão!

Vitória – Um clérigo?

Daniel – Acho que ele quis dizer um cão...

Marco – Obtiveram autorização para começar os testes em humanos! Estão a ver? Melhor do que o Viagra! Há muitos mais carecas no mundo do que impotentes. É um mercado gigantesco!

Daniel – Bem, não te entusiasmes demasiado rápido... Ainda agora começaram os testes em humanos. Lembra-te do que aconteceu à Lola com aquele medicamento experimental...

Marco (*escrevendo no telemóvel*) – Tens razão. Mas como dizem na bolsa: "Compra no boato, vende na notícia". O preço das ações multiplicou-se por mil em duas horas! Acabei de vender tudo!

Vitória – Quanto?

Marco (*olhando para o ecrã*) – Meu Deus! O ecrã do meu telemóvel nem sequer é grande o suficiente para mostrar todos os zeros... É o jackpot!

Vitória – E o meu Picasso?

Marco – Pois é, usei o teu quadro como garantia para fazer este último investimento arriscado. Mas agora podemos recuperá-lo. E ainda comprar mais meia dúzia!

Vitória – Meia dúzia?

Marco – E para ti, um diamante tão grande quanto o da Lola. Mas um verdadeiro!

Vitória (*com ternura*) – Sempre acreditei em ti, querido. Aliás, fico feliz que tudo se tenha resolvido entre nós, porque tenho uma grande novidade para te dar: vais ser pai!

Daniel demonstra um leve nervosismo.

Marco – Um herdeiro! Isto merece champanhe!

Marco vai buscar uma garrafa.

Vitória (*para Lola*) – Bem, fazemos as pazes, não? Tu não dizes nada ao meu marido sobre a minha relação com o Daniel, e eu deixo-te com ele, está bem?

Lola – Quem te disse que estou interessada...?

Vitória – Não te vais arrepender, vais ver... E, além disso, se não queres acabar como aquele pobre Alex, acredita em mim, já está na hora de investires em imóveis antes de precisares de um bom lifting.

Marco luta para abrir a garrafa de champanhe. Daniel aproxima-se de Lola enquanto Vitória vai com Marco buscar os copos.

Daniel – É uma pena, eu gostava do teu sotaque... Podias repeti-lo de vez em quando?

Lola (*com sotaque açoriano*) – É uma proposta, querido?

Daniel – Por que não?

Lola – Não estou certa de que tenhamos muito em comum...

Daniel – Tinha muito em comum com a minha primeira mulher. Começando por uma grande apólice de seguro de vida, opção serenidade, totalmente dedutível. E divorciámo-nos...

Lola – E a Vitória?

Daniel – Não viste tu mesma? Basta a bolsa subir para ela achar o marido mais sexy do que eu...

Lola – E eu? O que te faz pensar que te acho sexy?

Daniel – Não tens casa, e eu tenho um grande apartamento na Avenida da Liberdade.

Lola (*irónica*) – Sabes como falar com uma mulher, não sabes?

Daniel – Além disso, já te fiz perder todo o cabelo antes mesmo de te conhecer. É como na bolsa: a minha cotação está tão baixa que só pode subir...

Lola – Sempre podemos ir em lua-de-mel para os Açores...

Daniel – *See, sex and sun...*

Vitória regressa com os copos.

Vitória – Pronto, vamos celebrar!

Daniel – Vou pôr um pouco de música.

Daniel liga novamente o rádio.

Locutor – Últimas reviravoltas na crise dos Açores: A pequena Ilha de Santa Maria reclama a sua anexação ao Saara Ocidental, com vista à criação de um novo estado independente, após a descoberta de um enorme jazigo de petróleo na fronteira com a Mauritânia.

Vitória (*filosófica*) – Portugal é um pouco como este aquário... Peixes demasiado diferentes num espaço demasiado pequeno. E parece que não há comida suficiente para todos...

O telemóvel de Marco toca novamente. Para atender, ele passa a garrafa a Daniel.

Marco (*para Daniel*) – Toma, abre isto, queres...? (*Atende*) Sim? (*Pausa enquanto ouve*). Não... Meu Deus... Está bem, vamos já. (*Enquanto Daniel luta para abrir a garrafa, Marco guarda o telemóvel*). Era o Alex. Como sempre, está em sarilhos...

Daniel – O que lhe aconteceu agora?

Marco – Está preso na casa de banho com a perna engessada e não consegue abrir a porta. Quer que o vamos resgatar...

Daniel abre a garrafa. A rolha atinge o aquário, derrubando-o. A água e os peixes caem ao chão.

Vitória – Acho que estes peixes também não estavam destinados a viver juntos por muito tempo...

Escuridão.

Os atores voltam para agradecer, segurando uma faixa que diz: Nenhum peixe dourado foi maltratado durante esta representação.

Fim.

O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentistas na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 100 comédias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*).

É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, varias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

Para amadores ou profissionais, a procura de um texto, Jean-Pierre Martinez optou por oferecer as suas peças em download gratuito no seu site La Comédiathèque (comediatheque.net). No entanto, qualquer representação publica fica sujeita a autorização junto da SACD.

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma
EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Um Sonho de Casa

Comédias para 3

Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem
consequências
Um pequeno passo para uma
mulher, um salto no vazio para a
Humanidade...

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do
mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não
Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
O amor é cego
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do
Cemitério
Flagrante delírio
Nochebuena en la comisaría
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Rebeldes
Pronóstico Reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas

Comédias para 7 ou mais

A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa
Maria-Joana
Nem sempre a música amansa as
feras...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Comédias de sainetes (sketches)

Aviso de passagem
Breves de palco
Breves do tempo perdido
Cenas de rua
Corações Abertos
Demasiado é demasiado!
De verdade e de brincadeira
Dramédias
Ela e Ele
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão

*Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser baixadas livremente no seu site :*
<https://comediathèque.net>

*Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Dezembro de 2024

© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-286-9

Documento para download gratuito